

EXPRESSÕES DE MODALIDADE EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

Aisanain Páltu Kamaiurá, LALI, Universidade de Brasília
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, LALI, Universidade de Brasília¹
Eliete de Jesus Bararúá Solano, LALI, Universidade de Brasília
Rozana Reigota Naves, LALI, Universidade de Brasília

Introdução

Línguas dos oito ramos da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES 1984-1985) apresentam evidências de que, em Proto-Tupí-Guaraní teriam existido, entre as expressões de modalidade, uma que exprimiria intenção e outra que exprimiria a reunião de noções de permissão, exortação e propósito. Essas duas expressões de modalidade teriam ocorrido independentemente, mas poderiam também coocorrer em determinadas situações para expressar uma terceira, em que confluiriam as duas noções.

O presente trabalho é um dos resultados do estudo sobre as expressões de modalidade em línguas indígenas brasileiras, em desenvolvimento no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, no âmbito de dois projetos: *Linguística Sincrônica e Diacrônica na Amazônia: Tupí e Macro-Jê* e *Banco de Dados de Línguas Indígenas do Brasil e de Áreas Adjacentes*.² Tem como objetivo, por um lado, descrever as expressões de modalidade nessas línguas, de forma a contribuir para o conhecimento da natureza lógica dos significados que expressam, mas também para que esse conhecimento acrescente ao que se propõe como central no trato do tema através das línguas em geral. No estudo, é considerado como sendo de fundamental importância a identificação dos fatores que têm contribuído para que línguas individuais ou grupo de línguas desenvolvam mudanças em seus sistemas de modalidade e as implicações disso para teorias sobre modalidade e sobre mudanças linguísticas.

Neste estudo distinguimos modo de modalidade, uma vez que nas línguas estudadas os modos indicativo, imperativo, subjuntivo e gerúndio são marcados por meio de flexão e obedecem a princípios gerais da gramática Tupí-Guaraní, tais como hierarquia referencial, mesmo sujeito ou sujeito diferente, topicalização de circunstâncias. Estes fatos podem estar relacionados com o grau de gramaticalização das expressões de modo ocorridas na história da família Tupí-Guaraní (cf. PALMER 1986:22). Por outro lado, as expressões de modalidade³ nas línguas dessa família relacionam-se diretamente com o conteúdo proposicional, são todas definidas tendo em vista o ponto de vista do falante, e o emprego delas não está condicionado a princípios gerais da gramática das línguas, como é o caso das expressões modais, embora não haja fronteiras que separem semanticamente modo de modalidade.

No presente estudo analisamos duas expressões de modalidade em quatro línguas que representam quatro subramos da família Tupí-Guaraní, o Tupinambá (subramo I), o Asuriní do Tocantins (subramo IV), o Araweté (Subramo V) e o Kamaiurá (subramo VII), mas faremos referências a outras línguas da mesma família quando pertinente. O estudo considera visões de modalidade desenvolvidas sob enfoques teóricos distintos, mas que privilegiam ou acentuam, na descrição tipológica que fazem das expressões de modalidade através das línguas, a sua natureza notional (JESPERSEN 1963; LYONS 1977; PALMER 1986; KRATZER 1981, 1991), mas também a natureza lógica dessas expressões (PALMER 1986; KRATZER 2009).

¹ Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

² As pesquisas realizadas no âmbito dos dois projetos contaram com o fundamental apoio financeiro do CNPq.

³ Krake (1989) focaliza pela primeira vez o sistema de evidenciais em uma língua Tupí-Guaraní. Em trabalhos anteriores focalizamos modalidades aléticas e epistêmicas na família Tupí-Guaraní, em uma perspectiva histórico-comparativa (Cabral 2000, 2007).

1. Expressões de modalidade em línguas Tupí-Guaraní: algumas observações dos primeiros gramáticos

Montoya (1876[1639/1640]) e Restivo (1892[1724]) foram os primeiros a observar o número surpreendente de partículas existentes no Guaraní Antigo (ramo I da família Tupí-Guaraní), muitas das quais correspondem ao que tem sido chamado desde Kant de “modalidade” (cf. JESPERSEN 1963:319). Dos significados dessas partículas, vários se aproximam das noções de necessidade e possibilidade, consideradas como “noções centrais da lógica modal tradicional” (LYONS 1977:787, KRATZER 2009), mas também de outros significados que não devem ser limitados a possibilidade e necessidade, como bem coloca Palmer (p.21), e que se relacionam com o compromisso do falante com a verdade do que está sendo dito. Nas línguas Tupí-Guaraní a fatura de partículas, assim como de verbos modais e de nomes descritivos combinados com verbos expressando modalidade corresponde à preocupação dos seus falantes em distinguir sofisticadamente nuances de suas relações e atitudes com respeito às informações contidas nas proposições de seus enunciados. Para o linguista que não é falante nativo dessas línguas, desvendar o significado de cada uma das expressões de modalidade das línguas Tupí é, sem dúvida, uma das mais difíceis tarefas na descrição dessas línguas, não só pela variedade de nuances que cada partícula aparenta ter, mas também pelas proximidades ou superposições nocionais entre as diferentes expressões de modalidade. No presente estudo trataremos de duas expressões de modalidade, a permissiva e a intencional, em duas perspectivas, sincrônica e diacrônica.⁴

2. Modalidade permissiva e intencional em línguas Tupí-Guaraní conservadoras

Há entre os linguistas a concordância de que noções de modalidade podem apresentar sobreposições (JESPERSEN 1963, LYONS 1977, PALMER 1986, KRATZER 2009) e que elas podem ser organizadas em dois grupos principais, a de noções relacionadas ao conteúdo da informação – suas fontes e compromissos – e a de noções relacionadas com a realização do conteúdo informacional, mas cada uma dessas divisões sujeitas a subdivisões nocionais.

Jespersen (1963:313) trata modalidade como modo nocional, distinguindo-o de modo, que é visto como uma categoria sintática. Jespersen (p.320) apresenta uma lista de categorias de modalidade que expressam ideias puramente nocionais e observa que as categorias frequentemente se sobrepõem, e enfatiza que alguns termos que ele mesmo inclui na lista são questionáveis. A lista tem duas subdivisões, uma que contém elementos de desejo (1) e outra que não inclui esses elementos (2)⁵.

⁴ AFIR = afirmativo; AS = assertivo; CR = caso relativo; EP = epentético; CAUS = causativo; CC = causativo comitativo; DÊIT = dêítico; N = caso nuclear; EX = exclusivo; EXCL = exclusivo; FM = fala feminina; FOC = foco; FRUST = frustrativo; FS = fala feminina; GER = gerúndio; G = gerúndio; INT = intencional; SG = singular; MOD = modalidade; NEG = negação; NLZ = nominalizador; POT = potencial; PERM = permissivo; PROJ = projetivo; PROP = propósito; R¹ = relacional de contiguidade; R² = relacional de não contiguidade; 1 = primeira pessoa; 12(3) = primeira pessoa inclusiva; 23 = segunda pessoa do plural.

⁵

1.	2.
Jussive : go (command)	Apodictive: twice two must be (is necessarily) four
Compulsive: he has to go	Necessitative: he must be rich (or he could not spend so much)
Obligative: he out to go/ we should go	Presumptive: he is probably rich; he would will know
Advisory: you should go	Dubitative: he may be (is perhaps) rich)
Precative: go	Conditional: if he is rich
Hortative: let us go	Hypothetical: if he were rich
Permissive: You may go if you like	Potential: he can speak
Promissive: I will go / it shall be done	Concessional : though he is rich
Optative (realizable) : may he be still alive!	
Desiderative (unrealizable): would he were still alive	
Intentional: in order that he may go	

Palmer (1986:20) chama a atenção para o fato de que, embora haja uma distinção entre modalidade subjetiva e modalidade objetiva, a lógica tradicional tem-se preocupado mais com a modalidade objetiva, a qual exclui os falantes. Para Palmer, a modalidade nas línguas expressa características subjetivas do enunciado, de modo que se pode dizer que subjetividade é um importante critério para modalidade e que esta poderia ser definida como a gramaticalização de atitudes e opiniões (subjetivas) dos falantes.

Palmer (p.18) chama a atenção para o fato de que a distinção feita por Jespersen é paralela a que faz Lyons (1977:452), "...referência à opinião ou atitude do falante com respeito à proposição que a sentença expressa ou à situação que a proposição expressa". Palmer, Lyons e outros estudiosos reconhecem então a distinção entre modalidade epistêmica e modalidade deôntica. Por outro lado, Palmer (p.20) observa que é provável que os sistemas de modalidade epistêmico/deôntico *cum* possibilidade/necessidade não sejam universais, mas decorrentes da preocupação de logicistas com sistemas de línguas européias e que há outras línguas cujos falantes podem indicar a força de seu compromisso com respeito ao que é dito não em termos de possibilidade/necessidade, mas em termos do tipo de evidência que eles têm. Línguas da família Tupí-Guaraní possuem expressões dos dois tipos de modalidade, alético/epistêmico e deôntico, mas no presente estudo nos limitaremos à discussão de expressões de modalidade deôntica. Consideraremos as mudanças ocorridas nas antigas formas de expressar modalidade intencional e permissiva reconstruídas para o Proto-Tupí-Guaraní, mas também focalizaremos as motivações que levaram essas línguas a mudar, ora em direções convergentes ora em direções divergentes.

2.1 Tupinambá

Anchieta (1595 f22v) descreve um tipo de construção do Tupinambá ao qual chama de presente do conjuntivo. As construções nesse modo podem estar no imperativo ou no indicativo, mas, segundo Anchieta, mostra semelhanças com o modo imperativo e apresenta uma partícula *t(a)* antes do tema verbal (*ta* precedendo consoante e *t* precedendo vogal). Para Anchieta, o conjuntivo tem a mesma voz que o imperativo, serve também de propósito e de concessivo e de exortativo (convidando e imperando), e ainda de futuro do indicativo.

Exemplos da combinação de *t(a)* com predicados no modo imperativo:

- 1) *t e-só!* 'vá'
- 2) *ta pe-só* 'é para vocês irem!'

Exemplos da combinação de *t(a)* com predicados no modo conjuntivo:

- 3) *t a-só* 'é para eu ir'
- 4) *t ere-só* 'é para você ir'
- 5) *t ia-só* 'é para nós (incl.) irmos'
- 6) *t oro-só* 'é para nós (excl.) irmos'
- 7) *ta pe-só* 'é para vocês irem!'
- 8) *t o-só* 'é para ele/eles/esses irem'

Anchieta descreve ainda um outro tipo de construção do Tupinambá, em que o predicado verbal no indicativo é seguido da partícula *ne*, a qual serve de determinação e de intenção. Quando coocorre com *t(a)*, serve, segundo Anchieta, de futuro:

- 9) *a-só ne* 'eu irei' ou 'hei de ir'

A coocorrência da partícula *t(a)* com a partícula *ne* foi observada por Anchieta (f23) em algumas pessoas do Tupinambá: a primeira pessoa do singular e as primeiras pessoas do plural:

- 10) *t a-só ne* ‘eu irei’ ou ‘hei de ir’
 11) *t ia-só ne* ‘é para nós (incl.) irmos’
 12) *t oro-só ne* ‘é para nós (excl.) irmos’

2.1.1 A Análise de Rodrigues

Rodrigues (1953:129) analisa as construções com *t(a)* do Tupinambá como expressões do modo “permissivo”, enquanto as construções com *ne* (p.141) são analisadas como expressões do modo “intencional”, razão pela qual essa partícula tem uma interpretação de futuro, como a que lhe foi dada por Anchieta.

2.2 O ‘permissivo’ *t(a)* e o ‘intencional’ *ne* em outras línguas Tupí-Guaraní

2.2.1 Kamaiurá

Em Kamaiurá, as partículas correspondentes às que em Tupinambá expressam o intencional e o permissivo foram descritas por Seki (2000) como sendo respectivamente expressões do potencial, marcado pela partícula *in ~ n*, e do exortativo, marcado pela partícula *t(a)*.

- 13) *o’iran a-ha pinamomot -e =n*
 amanhã 1-ir pescar.com.anzol/G -EP =POT
 ‘amanhã irei pescar’ (Seki 2000:233)
- 14) *t= a-ha =ne pe-a nupã-me ko’yr =a’e*
 EX= 1SG-ir =AS DÊIT-N bater-G FS =NINT
 ‘eu vou [que eu vá] bater aquele’ (Seki 2000:233)

Segundo Seki (2000:232), o exortativo exprime “...uma gama de significações – exortação, deliberação, ordem –”, o que depende de vários fatores, como o tipo de oração, principal ou dependente, do contexto, entre outros.

Seki (p.233) observa que formas verbais exortativas coocorrem normalmente na sentença com a partícula (*i*)*n* ‘potencial’:

- 15) *t= a-ha-ume =n*
 EX= 1sg-ir-NEG =POT
 ‘que eu não vá!’ (Seki 2000:233)

Uma comparação de dados do Kamaiurá com dados do Tupinambá mostra que, também no primeiro, o uso da partícula *in* permite uma interpretação de futuridade:

- 16) *a-ap#k in*
 1-sentar POT
 ‘eu tenho a intenção de sentar’, ‘eu vou sentar’ (Páltu, notas de campo, 2009)
- 17) *ja a-ap#k in*
 12(3) 1-sentar POT
 ‘nós temos a intenção de sentar’, ‘nós vamos sentar’ (Páltu, notas de campo, 2009)

Quanto ao significado de *t(a)*, Pálto Kamaiurá, um dos autores desse trabalho, observa que essa partícula é usada em alguns contextos para tornar um comando mais efetivo, como mostram os seguintes exemplos:

- 18) *kjɛ* \emptyset -*t* *ɛrɛ -jɔt* *iʔi*
 1 R¹-MÃE 2-ir 3.DIZER/FAZER
 ‘minha mãe disse para você vir’
- 19) *jɛ* \emptyset -*t* *t* *ɛrɛ -jɔ -katu* *iʔi*
 1 R¹-mãe propósito 2-ir-MOD 3. dizer/fazer
 ‘minha mãe disse para você vir mesmo’

É interessante notar que em discursos de relatos míticos proferidos por lideranças mais velhas registra-se a forma mais conservadora *ne*, diferentemente do que ocorre na fala coloquial.

- 20) *ja-há* *ne* \emptyset -*etsak-aw-a* *kora'e* *jame* *je* *okoj*
 12(3)-ir INT R²-ver-DNC-ARG AFIR disse disque aquele

 \emptyset -erekwar awa *\emptyset -erekwarawa* *kõ*
 R²-chefe R²-chefe acontecido
 ‘vamos ver eles, (disse) o chefe’ (Pálto, notas de campo, 2009)
- 21) *ja-ha* *ne* \emptyset -*etsak-aw-a* *kora'e* *jame* *je* *okoj*
 12(3)-ir INT R²-ver-NLZ-ARG AFIR disse disque aquele
 ‘vamos ver (eles), disque’ (Pálto, notas de campo, 2009)

Resumindo, o Kamaiurá mantém reflexos do PTG **ne* ‘intencional’, que são *in ~ n ~ ne*. Mantém também reflexos do modo permissivo **t(a)*, *t ~ te*.

O Kamaiurá difere do Tupinambá apenas no que diz respeito à combinação do permissivo com o intencional, visto que, enquanto no Tupinambá essa combinação se dava na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa inclusiva, no Kamaiurá ela só é possível na primeira pessoa do singular e na primeira exclusiva. Também, diferentemente do Tupinambá, os reflexos do morfema do PTG permissivo não se combinam com prefixos pessoais do modo imperativo, mas apenas com formas do modo indicativo.

2.2.2 Asuriní do Tocantins

Os reflexos do intencional e do permissivo do PTG em Asuriní do Tocantins são *ne* ‘intencional’ e *t(a)* ‘propósito’ (cf. NICHOLSON 1978; VIEIRA 1993; RODRIGUES e CABRAL e 2002). Os dados do Asuriní disponíveis até o presente mostram que o morfema que expressa propósito é bastante produtivo, mas tem uma particularidade, que é a de ocorrer exclusivamente com o morfema intencional *ne* na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa exclusiva. Como ocorre em Kamaiurá, não se combina com o morfema intencional na primeira inclusiva:

- 22) *ipirá- \emptyset* *w-er-ón* *ta* *pe-'ó*
 peixe-ARG 3-CC-VIR PRO 23-comer
 ‘eles trouxeram peixes para vocês comerem’ (Cabral e Rodrigues 2003:273)
- 23) *a-maná* *t* *o-kén*
 1-mandar INT 3-dormir
 ‘eu o mandei dormir’ (Cabral e Rodrigues 2003:107)
- 24) *a-maná* *t* *o-karó*

1-mandar INT 3-comer
 ‘eu o mandei comer’ (Cabral e Rodrigues 2003:242)

25) *kowej* *pe-mo-apýng* *t* *a-’ú* *ne*
 depressa 23-CAUS-SENTAR PROP 1-comer INT
 ‘cozinhem logo para eu comer!’ (Cabral e Rodrigues 2003:111)

26) *o-món* *t* *oro-’ó* *ne*
 3-caus-vir PRO 1.excl-comer INT
 ‘ele deu para nós comermos’ (Cabral e Rodrigues 2003:111)

27) *kowej* *pe-mo-apýng* *t* *a-’ú* *ne*
 depressa 23-CAUS-SENTAR PROP 1-comer INT
 ‘cozinhem logo para eu comer!’ (Cabral e Rodrigues 2003:111)

Por outro lado, o intencional *ne* ocorre independentemente de *t(a)*, em construções que expressam uma intenção frustrada, como no seguinte exemplo:

28) *ma’e* \emptyset -*a’a-’* *sa-so’oŋ* *ta* *sere-ha*
 bicho R¹-carne-ARF 12(3)-arrancar.pedaco proj 12(3)CORR-ir

sere-men-a \emptyset -*pe* *sere-sa* *ne* *pane*
 12(3)CORR-marido-ARG R¹-para 12(3)CORR-dizer.GER INT FRUSTR

sa-ha *nu* *na* *sa-rur-ihí* *i-sope*
 12(3)-IR REP NEG 12(3)-trazer-NEG R²-para
 ‘nós dissemos em vão que tínhamos a intenção de arrancar pedaço de caça para nossos maridos, mas nós não trouxemos (carne de caça) para eles’ (Cabral, notas de campo, 2000)

Em Asuriní, a modalidade de propósito pode servir em determinadas situações de exortativo e, em outras, de permissivo. Finalmente, observamos que, quando duas orações estão em relação uma com a outra, de forma que o que é expresso no predicado de uma delas corresponde ao propósito ou finalidade do predicado de outra oração, esta última vem marcada pela partícula de propósito se os sujeitos das duas orações são distintos. Essas são contrapartes de construções no gerúndio, em que duas orações têm o mesmo sujeito:

29) *a-san* *oro-esak-a*
 1-vir 2-ver-GER
 ‘eu vim para ver você’ (Cabral, notas de campo, 2000)

30) *a-maná* *t* *o-karó*
 1-mandar INT 3-comer
 ‘eu o mandei comer’ (Cabral, notas de campo, 2000)

Resumindo, em Asuriní, o uso da partícula intencional encontra-se reduzido às seguintes situações: a) coocorre com o proclítico *t(a)* na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa exclusiva, b) segue um predicado quando o seu sujeito é uma primeira pessoa inclusiva ou quando se trata de uma oração que corresponde a uma intenção frustrada. Já a partícula de propósito, excluída a primeira pessoa inclusiva, ocorre nas demais pessoas no modo indicativo, mas na primeira exclusiva e na primeira do singular vem sempre acompanhada da partícula *ne*.

2.2.3 Araweté

Solano (2009) mostra que, em Araweté, a partícula *t(a)* “modalidade de propósito” coocorre com a partícula *ne(he)* “modalidade intencional” para expressar propósito nas pessoas que incluem o falante:

Modalidade de Propósito

31) *pẽ ku pída te pe-ʔu reʔe*
 23 FOC peixe PROJ 23-comer AT.OUTRO
 ‘vocês assaram peixe para comer’ (Solano 2009:254)

32) *uru-mupirĩrĩ ku ure pída t- uru-ʔu ne*
 13-fritar FOC 13 peixe PROJ 13-comer INT
 ‘nós fritamos peixe para comermos’ (Solano 2009:388)

Por outro lado, intenção pode ser expressa tanto pela partícula *ne(he)* quanto pela combinação da partícula de propósito *t(a)* com a partícula intencional *ne(he)*:

33) *ere-ja jupe pa ne e-jĩwi ne Ø-muʔe nehe*
 2-*vir* de.novo P 2 2CORR-voltar 2 R¹-ensinar INT
 ‘você vai voltar de novo para me ensinar?’ (Solano 2009:373)

34) *a-ʔu ku he tuha jara-meʔe r-ahi nehe*
 1-comer FOC 1 remédio dono-NP R¹-doença INT
 ‘eu tomei remédio com a intenção de curar a doença’ (Solano 2009:383)

Note-se que a variação *ne ~ nehe* deve-se ao fato de morfemas monossilábicos, sobretudo os gramaticais, tenderem a acrescentar uma sílaba por meio da cópia da vogal, que por sua vez é seguida da inserção de uma fricativa glotal para assegurar a estabilidade fonológica da nova sílaba (cf. CABRAL *at ali* 2007).

Solano descreve uma outra partícula, *nete* ‘intenção real’, que é usada sozinha em comandos, principalmente quando o falante pretende que o seu comando corresponda a uma intenção real da pessoa para quem o comando é endereçado:

35) *e-ja he awitfĩ r-etfa nete*
 2-*ir* 1 piolho R¹-ver IR
 ‘você vai ver meu piolho’ (Solano 2009:389)

36) *e-ja nete e-puranũ r-ehe*
 2-*ir* IR 2-conversar R¹-CR
 ‘vem para conversar!’ (Solano 2009:389)

Essa partícula originou-se muito provavelmente da combinação da partícula *ne* ‘intencional’ com a partícula *eté* ‘genuíno’, resultando em uma ‘intenção real’.

2.2.4 Anambé

A língua Anambé, segundo Julião (2005), possui apenas o correspondente à combinação da partícula de propósito *t(a)* com a partícula que exprime intencionalidade *nihẽ*:

37) *e-muno ĩ t a-ĩ ʔú nihẽ*
 2-*dar* água PROP 1-água-ingerir INT
 ‘traz água para eu beber’ (Julião 2005:pag)

Note-se que a partícula *nihẽ* do Anambé corresponde à partícula *nehe* do Araweté, o que evidencia que as duas línguas compartilharam o mesmo processo de expansão fonológica de morfemas monossilábicos, como os reflexos da partícula **ne* do PTG.

2.2.5 O caso Ka'apór

Os dados apresentados em Caldas (2001) mostram que o Ka'apór perdeu os reflexos dos dois morfemas modalizadores, o de propósito e o de intenção. Caldas (2001) reconhece que há ainda muito a conhecer sobre as expressões de modalidade do Ka'apór, mas considera que os dados existentes sobre essa língua permitem a apreensão de partículas modalizadoras que podem ser agrupadas em pequenos conjuntos bem definidos:

MODALIDADE	Epistêmica	<i>Possibilidade</i> : naĩ <i>Probabilidade</i> : mí <i>Dúvida</i> : nahã <i>Conhecimento obtido através de outro</i> : jé (disque)
	Empática	<i>Desejo/Lamento</i> : mã <i>Intenção (ou propósito)</i> : ki

Considerações finais

O presente estudo põe em evidência fatos interessantes sobre as partículas que expressam as modalidades de 'intenção' e de 'permissão/exortação/propósito' de línguas Tupí-Guaraní. Um desses fatores é o de que, embora essas noções de modalidade sejam expressas por meio de partículas, têm tido vida estável em uma história interna de aproximadamente 2.500 anos. São raras as exceções de línguas Tupí-Guaraní que perderam completamente os reflexos dos morfemas herdados que expressam essas duas modalidades. As línguas que perderam esses morfemas foram as que sofreram fortes interferências de contato, como o Urubú-Ka'apór e o Nheengatú, por exemplo. Isso leva a uma reflexão sobre o grau de gramaticalização dessas expressões modalizadoras, que deve ser considerado forte, já que se mantêm através de várias línguas sob forma de partículas em um período de dois mil e quinhentos anos, no mínimo.

Um outro fator importante a considerar é o número de interpretações dado às duas expressões de modalidade. Reflexos da partícula **ne* 'intencional' do PTG são interpretados como expressões do 'potencial' em Kamaiurá (SEKI 2000) e os reflexos do 'permissivo' **t(a)* são vistos como expressão de 'exortação', 'deliberação', 'ordem'. É natural que intenção e potencialidade estão intrinsecamente unidas. Essa união está presente no significado dos reflexos do verbo do PTG **-potar* 'querer/poder', que pode significar desejo ou intenção e também potencialidade. Assim em Asuriní do Tocantins e na maioria das línguas da família, reflexos de **-potar* podem significar 'poder' ou 'querer'. Em todas as línguas da família, as construções com *t(a)* são construções diretivas, daí o seu uso enquanto expressão 'exortativa', 'permissiva', 'mandativa', 'deliberativa'. É interessante notar que são justamente as construções

marcadas com *t(a)* que servem de orações finais ou de propósito quando a oração com a qual se relaciona tem sujeito diferente do seu. Mais interessante ainda é o fato de que as construções com *t(a)* e as construções com *ne* são negadas com o mesmo morfema de negação próprio do subjuntivo, como em Tupinambá, por exemplo:

- 38) *t a-so-ume ne*
 PER 1-ir-NEG INT
 ‘não é para eu comer’ (Anchieta 1595:23)
- 39) *a-so-ume ne ka*
 1-ir-NEG INT FM
 ‘eu não tenho a intenção de ir’ (Anchieta 1595:23)

Essa evidência morfossintática associa definitivamente as construções com *t(a)* e com *ne* a subcategorias da modalidade deôntica.

Fazemos a seguinte pergunta: por que a partícula *t(a)* só se combina com a partícula *ne* quando o sujeito inclui o falante (primeira do singular, primeira inclusiva e primeira exclusiva)? Ora, sendo a partícula *t(a)* a expressão de uma noção diretiva, quando essa coocorre com a partícula *ne* ‘intencional’, o sujeito tem que incluir o falante, já que não se pode exigir a existência de intenção por parte do ouvinte ou de uma terceira pessoa.

Referências Bibliográficas

- ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: Antonio de Mariz Editor. 1595.
- CABRAL, Ana Suely A. C. “L’Expression des notions de l’épistémique et de l’aléthique dans la famille Tupí-guaraní ». In: LANDABURU, J.; GUENTCHEVA, Z. (eds.). *L’énonciation médiatisée II. Le traitement épistémologique de l’information: illustrations amérindiennes et caucasiennes*. Louvain et Paris: Éditions Peeters, 2007:267-292.
- CABRAL, Ana Suely A. C. Aspectos gramaticais compartilhados por línguas do baixo Xingu, Tocantins e nordeste da Amazônia: partículas evidenciais In: Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN. CD-ROM.. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina. 2000.
- Cabral, Ana Suely A. C.; Beatriz C. C. da Silva; M. Risoleta Julião; Marina Maria S. MAGALHÃES. "Linguistic Diffusion in the Tocantins-Mearin Area". In: *Línguas e Culturas dos Povos Tupí*, v. 1. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, p. 357-374. 2007.
- CALDAS, Raimunda B. C. Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apór. Dissertação de Mestrado, Belém: UFPA. 2001.
- CAMPBELL, L. *Historical Linguistics: An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 1998.
- CHAFE, W.; J. NICHOLS. *Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology*, Norwood, New Jersey: Ablex. 1986.
- CROFT, W. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.
- GUENTCHÉVA, Z. *L’Énonciation Médiatisée*. Louvain: Éditions Peeters. 1996.
- HOCK, H. H. *Principles of Historical Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter. 1991.
- JESPERSEN, O. *The Philosophy of Grammar*. London: George Allen & Unwin Ltd. 1963.
- JULIÃO, M. R. S. Aspects morphosyntaxiques de l’anambe. Tese de Doutorado. Université de Toulouse-Le Mirail. 2005.
- KRACKE, W. H. J’ai souvent été trompé lorsque je dormais, a gramática onírica Kagwahíva (inédito). 1989.
- KRATZER, Angelika. “The Notional Category of Modality.” In: EIKMEYER, H. J. & RIESER, H. (eds.) *Words, Worlds, and Contexts. New Approaches in Word Semantics*, Berlin; New York: de Gruyter, p. 38-74. 1981.

- KRATZER, Angelika. “Conditionals”; “Modality”. In: STECHOW, A. V. and WUNDERLICH, D. (eds.) *Handbuch Semantik/Handbook Semantics*. Berlin; New York: de Gruyter, p. 651-656; 639-650. 1991.
- KRATZER, Angelika. “Modals and Conditionals Again”, Chapter 3, pdf version, to be published by Oxford University Press. 2009.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.
- MONTOYA, A. Ruiz de. Vocabulario y tesoro de lengua guaraní, ó más bien tupí. Nueva edición: más corecta y esmerada que la primera, y con las voces en tipo diferente. Vienne, Faesy & Frick/ Paris, Maisonneuve. 1876[1639/1640].
- Nicholson, VELDA. *Aspectos da Língua Assuriní*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1978.
- PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge Textbooks in Linguistics. New York: Cambridge University Press. 1986.
- RESTIVO, P. *Arte de la Lengua Guaraní*, Stuttgart: Guilherme Kohlhammer. 1892[1724].
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Morfologia do Verbo Tupí. In: *Letras*, vol I, nº 1, Curitiba, p.121-141. 1953.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. In: *Revista de Antropologia*, vols. 27/28, p. 33-53. 1984-1985.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; Ana Suelly A. C. CABRAL. “Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní”. In: CABRAL, A. S. A. C., e A. D. RODRIGUES (orgs.) *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, tomo I. Belém: UFPA, p. 327-337. 2002.
- SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial. 2000.
- SOLANO, Eliete de Jesus. Descrição Gramatical da Língua Araweté. Tese de Doutorado. Brasília: LALI/UnB. 2009.
- VIEIRA, Márcia M. D. O Fenômeno de Não-configuracionalidade na Língua Asurini do Trocara: Um Problema Derivado da Projeção dos Argumentos Verbais. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp. 1993.